

PROBLEMATIZANDO AS CONCEPÇÕES DE LITERATURA E TEXTO LITERÁRIO A PARTIR DO TRABALHO EM SALA DE AULA COM O GÊNERO EPISTOLAR

Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

analiteraturasouza@yahoo.com.br

Resumo: Neste artigo realizamos reflexões acerca das concepções de literatura e de texto literário apresentadas por alunos do primeiro período do curso de Letras. Inicialmente, discutimos as concepções apresentadas pelos discentes com o objetivo de expor algumas reflexões sobre estas, buscando verificar as limitações e aproximações com o estudo da literatura na escola e a imagem do literário que com elas se forma ao longo da educação básica. No segundo momento, apresentamos uma proposta, desenvolvida em sala de aula com os alunos, de estudo da (s) concepção (ões) de literatura e de texto literário a partir da leitura do gênero híbrido carta. Para tanto, foram selecionadas cartas das escritoras Henriqueta Lisboa e Clarice Lispector.

Palavras-chave: Gênero epistolar, concepção de literatura, concepção de texto literário, sala de aula.

1. Introdução

Neste estudo analisamos as concepções de literatura e de texto literário apresentadas por alunos do primeiro período do curso de Letras, objetivando refletir sobre as interrelações destas concepções com o estudo da literatura na escola no que diz respeito às questões metodológicas e às representações acerca da literatura e do texto literário construídas ao longo da educação básica. Pretendemos também apresentar a proposta de trabalho desenvolvida com os alunos, a partir da leitura do gênero epistolar, a fim de mostrar que a literatura é um fenômeno histórico e cultural elaborado e apreciado de diferentes formas por diferentes épocas e grupos sociais. É importante que estudemos sobre as obras e os autores consagrados, mas também respeitemos e busquemos conhecer as literaturas de menor prestígio social. (ABREU, 2006).

O trabalho desenvolvido em sala de aula compreendeu dois momentos.¹ Inicialmente, realizamos o levantamento das representações dos alunos e no segundo momento desenvolvemos, a partir da leitura do gênero carta, o estudo acerca da (s) concepção (ões) de literatura e de texto

¹ Com o trabalho pretendemos também conhecer acerca das preferências de leitura dos alunos e assim incluir nas aulas autores que eles liam de ler ou sentiam interesse em conhecer.

literário com os alunos. Para tanto, foram selecionadas cartas das escritoras Henriqueta Lisboa e Clarice Lispector.

As correspondências trocadas entre os escritores, além de comportarem ideias sobre a maneira de viver de cada uma, registram concepções de arte, de literatura e de poesia que embasam a construção de suas obras. Além disso, as missivas fazem referências à forma de organização e ao posicionamento da crítica literária em relação às escritoras e à literatura produzida no Brasil na época de cada uma. Tais informações são importantes para a compreensão do processo de produção e recepção dos textos que elas escreveram.

As cartas trabalhadas na análise foram coletadas nas obras: *Minhas queridas*, organizada pela biógrafa Teresa Montero e publicada em 2007 e *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa*, organizada por Constância Duarte (2003).

O livro de Montero apresenta um total de 120 correspondências enviadas por Clarice para as irmãs Elisa Lispector e Tânia Kaufman entre os anos de 1940 e 1959. As cartas foram encontradas nos arquivos pessoais das irmãs da escritora. (MONTERO, 2007). Entre os assuntos abordados nas missivas estão comentários sobre a produção e recepção das obras da autora; expressão do afeto por familiares e amigos; visão crítica e descontente da vida social no exterior; aspectos da vida cotidiana da mãe/esposa/escritora, temática recorrente na produção literária de Clarice.

Na obra *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa*, organizada por Duarte (2003), constam vinte e sete correspondências escritas por Carlos Drummond de Andrade e quarenta de Henriqueta Lisboa. As missivas de Drummond são constituídas de cartas, bilhetes e cartões, as de Henriqueta, além dos três gêneros citados, incluem quatro telegramas. As cartas, conforme destaquei em estudo anteriormente realizado, caracterizam-se por:

explicar processos de composição, apresentar concepções teóricas e fornecer subsídios para a compreensão da atmosfera cultural do período histórico vivido pelos poetas, entre outros aspectos. A nosso ver, a literatura, ou “vida literária” como menciona Duarte, é realmente o fio condutor nas cartas trocadas entre Henriqueta e Drummond, que também se constituem como leitores da obra um do outro. É no cerne desse jogo entre o estabelecido pelo autor (remetente) e o construído pelo leitor (destinatário), em outras palavras, é na simultaneidade das estratégias e táticas, instrumentos utilizados respectivamente pelo escritor e pelo leitor, que se dá o fenômeno da leitura. Conforme destaca Certeau (1994, p. 266), “por um jogo de implicações e de astúcias entre duas espécies de ‘expectativa’ combinadas: a que organiza um espaço *legível* (uma literalidade) e a que organiza uma *démarche* [ou tentativa] necessária para a *efetuação* da obra (uma leitura)”. (NEVES, 2014, p.61).

A inclusão do gênero epistolar para trabalhar no componente Teoria da poesia deveu-se a duas razões: a primeira pelo fato de buscarmos estudar o poema e seus aspectos intrínsecos sem

negligenciarmos as condições de produção, ou seja, focalizando, dentre outras questões, Quando foi escrito? Como foi recebido pela crítica da época? A nosso ver, a leitura das correspondências dos escritores favorece a compreensão dos alunos do caráter histórico e cultural que envolve a produção e circulação dos textos. A segunda razão deveu-se ao fato de se tratar de um gênero que raramente é contemplado pelo livro didático e pelo professor na escola, a exceção da carta de Caminha.

Quanto ao estudo das concepções de literatura, trata-se de um assunto contemplado na ementa da disciplina Teoria da poesia no curso de letras onde leciono.²

2. Metodologia

O trabalho foi desenvolvido com 24 alunos do curso de Letras português, regularmente matriculados no período 2016.2. A maioria dos alunos, cerca de 20, é oriunda de escolas públicas de Campina Grande-PB e de cidades circunvizinhas. Para a coleta dos dados, realizamos com os alunos uma conversa informal sobre a vivência deles com a literatura na escola, focando mais especificamente o ensino médio, período no qual a disciplina literatura é matéria curricular. Em seguida, solicitamos que os alunos registrassem por escrito a experiência deles a partir do texto ³a seguir:

Concepção de literatura

Começamos nosso estudo sobre literatura com base na experiência que você vivenciou a escola. Para tanto, leia as questões destacadas abaixo e, em seguida, registre por escrito as suas vivências.

Quando você iniciou seus estudos literários na escola? O que marcou seus primeiros contatos com o texto literário? Quais eram os autores e textos que eram lidos em sala de aula?

Provavelmente, nas suas lembranças estão momentos prazerosos com textos literários, dos quais você pode não lembrar o título ou mesmo o nome do autor, mas que de alguma forma permanecem na sua memória. Pode ser um verso de um poema lido pelo professor, a imagem de um personagem, o início ou o final de uma narrativa.

Certamente, também, você pode está se lembrando de uma obra que precisou ler mesmo sem entender na época qual a importância daquela leitura. Algumas dessas obras, você iniciou a leitura, mas não se sentiu motivado (a) a concluir.

Possivelmente, você se lembra também de obras que gostava de ler, mas não se sentia à vontade para falar sobre elas na escola. Leituras que lhe proporcionavam muito prazer, mas que nunca eram mencionadas pelo (a) professor (a) de português. Dentre estas obras podem estar: romances e gibis comprados em bancas de revistas, cordéis adquiridos em feiras-livres e tantas outras...

Vemos, portanto, que, quando pensamos em literatura, surgem também uma série de questionamentos, tais como: O que é que faz com que um texto seja considerado literário ou não? Por que alguns textos literários são lidos na escola e outros não? Por que na maioria das vezes os alunos precisam ler na escola textos que eles não gostam?

Todas essas questões estão associadas à concepção de literatura ou, melhor dizendo, uma determinada forma de conceber a literatura. Isto mesmo, pois não existe um único conceito de literatura, mas vários.

Com base nas suas vivências, o que é literatura para você?

² A ementa é a seguinte: “Conceitos de literatura. A linguagem literária. Concepções de poesia e poema. Leitura, análise e interpretação do poema. Estudo do texto poemático: formas e contextos” (Projeto Pedagógico do curso de Letras, UEPB, Campus I).

³ Este texto é uma adaptação reirada do livro *Teoria e Crítica Literária I* que organizamos para o Curso de Letras EAD da Universidade Estadual da Paraíba, 2010.

Ao todo obtivemos vinte e três registros dos alunos⁴. A partir destes registros, organizamos um gráfico, que será apresentado e comentado no tópico abaixo sobre os conceitos de literatura. Os relatos revelaram-se um material significativo para conhecermos sobre a leitura literária na escola, autores lidos, obras e gêneros trabalhados, metodologia de abordagem do texto literário, dentre outros. Neste trabalho, no entanto, centramos na definição dos alunos sobre literatura.

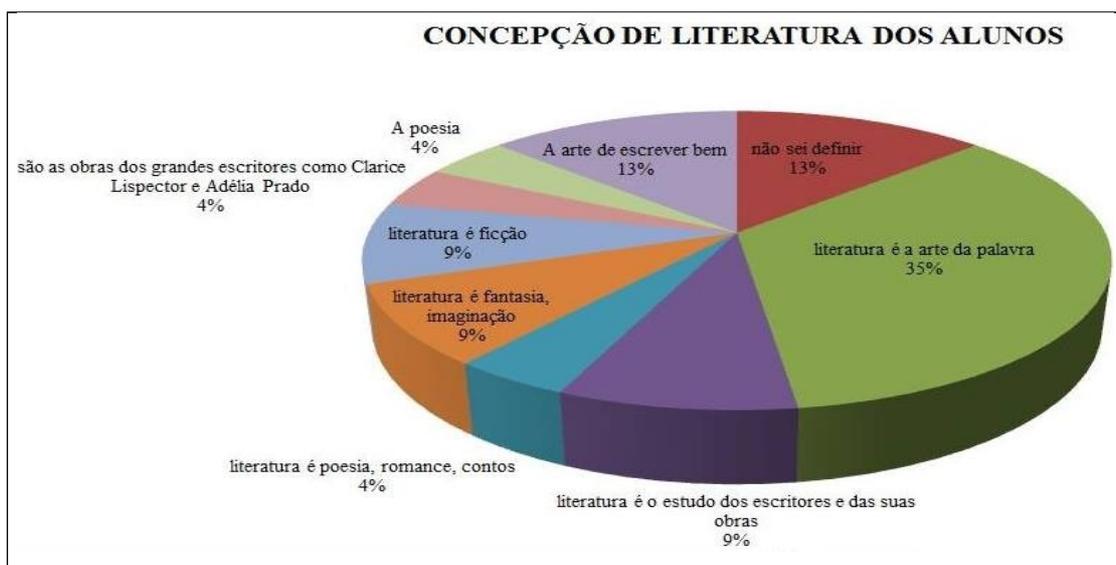
3. Resultados e Discussão

A discussão no curso de letras sobre as concepções de literatura construídas pelos estudantes no ensino médio é importante, pois a partir dela realizamos com os alunos a reflexão de que os conceitos não são pacíficos. É uma oportunidade também de tentamos abordar as concepções chamando sempre a atenção para os aspectos históricos e culturais que envolvem as definições. Além disso, problematizamos o caráter classificatório que os estilos de época apresentam, fundamentados em um ato de seleção e exclusão, de autores e obras.

3.1 Concepção de literatura dos discentes

No gráfico a seguir apresentamos as definições destacadas dos relatos dos alunos.

Figura 01 – Conceito de literatura dos alunos



Fonte: Pesquisa na sala de aula-2017.

4 Uma aluna precisou sair antes do término da aula e não entregou o registro.

Conforme mencionamos na metodologia, solicitamos aos alunos que com base na vivência escolar, definissem literatura. Dos 23 alunos que realizaram a atividade, 3 (13%) responderam: “não sei definir”; 8 (35%) responderam: “literatura é arte da palavra”; 2 (9%) responderam: “literatura é o estudos dos escritores e das suas obras.”; 1 (4%) respondeu: “literatura é poesia, romance, contos”; 2 (9%) responderam: “literatura é fantasia, imaginação”; 2 (9%) responderam: “literatura é ficção”; 1 (4%) respondeu: “são as obras dos grandes escritores como Clarice Lispector e Adélia Prado”; 1 (4%) respondeu: “A poesia”; 3 (13%) responderam: “arte de escrever bem”.

As respostas revelam aspectos já apontados e discutidos em inúmeras pesquisas, estudos monográficos de graduação e pós-graduação. No livro *Cultura Letrada: literatura e leitura* (2006), por exemplo, Márcia Abreu analisa várias concepções de literatura presentes em uma prova de vestibular, cuja questão solicitava do candidato que, após a leitura do texto *As ilusões da literatura*, de Mario Vargas Llosa, assinalasse a alternativa em que a definição de literatura não estivesse de acordo com o texto lido. De um modo geral, a estudiosa aponta que as definições apresentam como problemas: o fato de ver a literatura tomando como critério definidor apenas a ficcionalidade (criação de uma supra-realidade) a partir da intuição (inspiração) de um escritor especial (detentor de dados profundos e singulares); literatura como arte da palavra visando ao deleite e ao aprimoramento do leitor, o que nem sempre ocorre; o fato de que a *literariedade* (o trabalho com a linguagem) interna de um texto não é o único elemento que define se uma obra é ou não literatura; o ato de seleção e exclusão, isto é, a visão de que existe uma literatura “superior” (grande literatura) e outras “menos valorizadas”.

Nas respostas dadas pelos alunos, identificamos visões generalizantes (“estudo dos escritores e das suas obras”; “arte da palavra”); a primazia do estudo de determinados gêneros na escola (poesia, romance, contos); ênfase dada pela escola e pelo livro didático no trabalho com autores e obras consagrados (“as obras dos grandes escritores como Clarice Lispector e Adélia Prado”); literatura como produção desvinculada da realidade (“é fantasia, imaginação”, “é ficção”).

Diante das respostas dadas, promovemos a discussão com os alunos das limitações presentes em cada definição e buscamos realizar atividades que favorecessem a compreensão da literatura como um fenômeno cultural e histórico. Sem esquecer que o estudo da literatura precisa pautar-se no texto, na unidade de sentido, e no contexto (informações sobre o autor, período em que a obra foi escrita, condições de produção, circulação e recepção do texto), representando para o aluno algo

dinâmico, vivo, humano... Diferente da memorização de fatos e datas históricas, enfatizado pela maioria dos livros didáticos e apontado nos relatos dos alunos.

3.2 O Trabalho com o gênero epistolar

Nesta etapa selecionamos duas cartas para trabalhar com os alunos. Uma de Clarice Lispector e outra de Henriqueta Lisboa. A escolha de Clarice deveu-se ao fato de vários alunos mencionarem o nome dela em seus relatos. Já Henriqueta, pelo fato de ter escrito além das cartas vários livros de poemas e ensaios críticos onde realiza reflexões sobre os conceitos de literatura, poesia, dentre outros.

Com base nas cartas selecionadas e com o objetivo de trabalhar a concepção de literatura, realizamos um planejamento, baseado na sequência didática presente no livro de Rildo Cosson *Letramento Literário: teoria e prática* (2014).

As cartas selecionadas seguem abaixo:

Texto 1 – Carta de Clarice Lispector

Minha Tania querida, (...) O que tem me perturbado intimamente é que as coisas do mundo chegaram para mim a um certo ponto em que eu tenho que saber como encará-las, quero dizer, a situação de guerra, a situação das pessoas, essas tragédias. Sempre encarei com revolta. Mas ao mesmo tempo que sinto necessidade de fazer alguma coisa, sinto que não tenho meios. Você diria que eu tenho, através do meu trabalho. Eu tenho pensado muito nisso e não vejo caminho, quer dizer, um caminho verdadeiro. Talvez eu não esteja vendo o problema maduro, pode ser que a solução venha daqui a anos, não sei. (LISPECTOR, *apud* MONTEIRO, 2015).

Texto 2 – Carta de Clarice Lispector

Querida, quem faz arte sofre como os outros, só que tem um meio de expressão. Se você vê por mim está vendo errado. Eu sofro com o trabalho não é pelo trabalho só, é que além do mais não sou normal, sou desadapada, tenho uma natureza difícil e sombria. Mas eu mesma, com esse temperamento e essa anormalidade de todos os instantes — se eu não trabalhasse estaria pior. Às vezes penso que deveria deixar de escrever, mas vejo também que trabalhar é minha moralidade, a minha única moralidade. Quer dizer, se eu não trabalhasse, eu seria pior porque o que me põe num caminho é a esperança de trabalhar. (LISPECTOR, *apud* MONTEIRO, 2015).

Texto 3- Carta de Henriqueta Lisboa

Carlos,
José Olympio foi consultado por Oscar Mendes sobre a possibilidade de editar poemas escolhidos – meus.
Se você acha que vale a pena, diga uma palavra a respeito àquele respeitável senhor.
Afetuosamente obrigada,
Henriqueta. (LISBOA, *apud* DUARTE, 2003, p.61).

Texto 4- Carta de Henriqueta Lisboa

Carlos,

[...] Envio-lhe ao mesmo tempo, alguns poemas de meu livro inédito – *A face lívida*. Lira teimosa, como vê. Que se há de fazer de uma vocação que não foi inculcada, nem roubada, nem mesmo buscada, senão vivê-la com a possível serenidade?

(LISBOA, *apud* DUARTE, 2003b, p.35).

Com base na sequência de Cosson, iniciamos com a motivação onde situamos a respeito da importância das epístolas na comunicação, interação e projeção dos escritores nos séculos XIX e XX no Brasil. Em seguida, apresentamos as autoras e as coletâneas de cartas que iríamos ler. Depois lemos e discutimos sobre as cartas de Clarice Lispector, destacando a visão da escritora sobre a finalidade de se fazer literatura; os motivos que a levam a escrever; a relação da literatura com o escritor e com a realidade.

Objetivávamos mostrar aos alunos, que a literatura, segundo a escritora, embora não seja fácil de ser definida, é uma prática social e histórica. Ao recriar a realidade, o escritor vivencia e oferece ao leitor à possibilidade de ampliar a sua visão crítica sobre esta realidade. Enxergar o Outro (pessoas, culturas alheias) para além do nível das aparências, dos conhecimentos superficiais. Dessa forma, a criação literária ultrapassa a mera cópia da realidade, por meio da linguagem, instaura, cria novos mundos, cosmos. Escrever ou ler literatura é um meio também de comunicar nossos sentimentos, insatisfação, sofrimento, desejos reprimidos, enfim “nossa visceral tortura”, conforme palavras do poeta Bráulio Tavares no poema “Por que literatura?”.⁵

⁵ O poema de Bráulio também foi lido em sala de aula e comparado a visão sobre de escrita literária presente nas cartas de Clarice Lispector.

Objetivamos também mostrar que a obra literária apresenta uma especificidade linguística que a diferencia de outros textos como o científico e o jornalístico. Especificidade esta que foi denominada de *literariedade*. Assim, ao mesmo tempo, as obras literárias nos ajudam a compreender a nós mesmos e as mudanças de mentalidade e de comportamento do homem ao longo dos séculos, por isso a leitura e a escrita literária são tão importantes para Clarice. A este respeito chamamos a atenção para o caráter híbrido da carta, marcada pela linguagem literária. Conforme destaca Malatian (2009, p.197), na carta deve-se compreender o processo de construção do eu como uma representação linguística do sujeito, marcada, como todo diálogo, por “silêncios, rupturas e retomadas ao sabor dos interesses e das afeições.” Nesta interação, os interlocutores se equilibram numa linha tênue entre o revelar e o esconder.

Na aula seguinte lemos as cartas de Henriqueta Lisboa ⁶e estabelecemos o diálogo com os alunos, objetivando chamar a atenção para a reflexão sobre a representação da poetisa/leitora presente nas epístolas afim de que possamos identificar na voz do EU presente nas cartas as marcas que em seu discurso aparecem associados à imagem de uma poetisa/leitora digna do reconhecimento do seu interlocutor como mulher escritora que desejou e lutou com as armas que tinha, melhor dizendo com as “táticas”, para ampliar os espaços de visibilidade da sua obra.

Ao contrário da imagem da mulher “tímida”, “reservada”, associada à figura de Henriqueta Lisboa, deparamo-nos mais uma vez com a imagem de uma pessoa empenhada que não se abstém de solicitar a colaboração, recorrendo, para tanto, a figuras de renome no meio político e cultural, caso de Carlos Drummond de Andrade.

Henriqueta Lisboa pertence a uma geração de escritoras que sofreram em decorrência do preconceito em relação à produção literária feminina. O espaço no meio literário era ocupado predominantemente por homens cuja visão em relação à literatura feita por mulheres era quase sempre marcada pela depreciação. Ao contrário do que pensavam muitos críticos e escritores contemporâneos sobre a mulher escritora no início do século XX, nas correspondências de Henriqueta, endereçadas ao poeta Carlos Drummond de Andrade, a poetisa se mostra como uma profunda conhecedora da área literária. A imagem da poetisa que aparece nas cartas é a de quem conhece sobre os diferentes gêneros literários e, em especial, sobre poesia.

⁶ As reflexões sobre as epístolas de Henriqueta foram adaptadas do estudo que realizamos na tese de doutorado. NEVES, Ana Lúcia M. de Souza. **Um atalho, uma clareira, coisa assim no caminho**: reflexões sobre os lugares de Henriqueta Lisboa no contexto da literatura brasileira. João pessoa/PB, 2014, 187pp.

A discussão sobre as cartas de Henriqueta visou também chamar atenção para a invisibilidade de muitos escritores e de diversas obras pelos livros didáticos estudados na escola. Henriqueta Lisboa, por exemplo, era desconhecida por todos da turma.

A leitura e reflexão das cartas foram apreciadas pelos alunos que demonstraram interesse em continuar lendo outras cartas. Além disso, todos afirmaram que não conheciam o referido gênero. O contato com as epístolas, juntamente com a discussão, também possibilitou que os alunos ressignificassem a visão a respeito da literatura, concebendo-a não mais como objeto de contemplação (arte de bem escrever), elitizado, isto é, possível de ser apreciada por poucos, desvinculada da realidade (ficção, imaginação, fantasia).

4-Considerações finais

Esperamos com essas breves considerações contribuir com o pensar sobre a concepção de literatura aparentemente uma questão bastante discutida- mas que, a nosso ver, ainda permanece a desafiar o ensino da literatura na escola. Todorov (2009) nos adverte que é necessário ir além. É preciso considerar que as obras funcionam dentro de um contexto e em diálogo com o ambiente externo. Corroborando com as ideias do Búlgaro, Cosson (2014 p.34) diz que “a literatura deveria ser vista como um sistema de outros tantos sistemas” e complementa dizendo que “a literatura na escola tem por obrigação investir na leitura desses vários sistemas para compreender como o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura”.

Referências

- ABREU, Márcia. **Cultura Letrada: literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.
- BARTHES, Roland. **A aventura Semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.
- DUARTE, Constância Lima. **Remate de Males**. Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa. Campinas: departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, n23, 2003.
- GALVÃO, Walnice Nogueira & GOTLIB, Nádia Batella (Orgs). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- IONTA, Marilda. **A poética do sigilo: cartas de Henriqueta Lisboa a Mário de Andrade**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.
- MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi & LUCA, Tania Regina, **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MONTERO, Teresa (Org). **Minhas queridas**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.
- MORAES, MARCOS ANTONIO DE. **Orgulho de Jamais Aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2007.
- NEVES, Ana Lúcia M. de Souza. **Um atalho, uma clareira, coisa assim no caminho: reflexões sobre os lugares de Henriqueta Lisboa no contexto da literatura brasileira**. João pessoa/PB, 2014, 187pp.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.